

**Entrevista com Antonio Carlos Secchin**

*Interview with Antonio Carlos Secchin*


Mariana Carlos Maria Neto

 <https://orcid.org/0000-0001-8396-7230>

Paola Resende

 <https://orcid.org/0000-0001-8396-7230>

Sara Begname

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3057-696X>

Sergio Alcides

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0247-4993>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.199788>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/199788>

Recebido em: 03/07/2022. Aprovado em: 03/07/2022.

---

**Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira**

São Paulo, Ano 11, n. 20, jan.-jul., 2022.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: [opiniaes@usp.br](mailto:opiniaes@usp.br)

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)  [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

---

**Como citar (ABNT)**

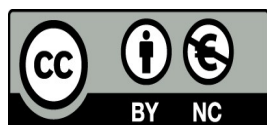
SECCHIN, Antonio Carlos. Entrevista. *Opiniões*, São Paulo, n. 20, pp. 308-313, 2022. DOI:

<https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.199788>. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/199788>.

---

**Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)**



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

---

# entrevista antonio com carlos secchin

Interview with Antonio Carlos Secchin

**Mariana Carlos Maria Neto**<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo – USP

**Paola Resende**<sup>2</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

**Sara Begname**<sup>3</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

**Sergio Alcides**<sup>4</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.199788>

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Brasileira pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), bolsista CNPq, com o projeto sobre a memória na lírica de Carlos Drummond de Andrade, bolsista CNPq. Mestre pela mesma instituição com a dissertação "A falta e o absoluto em Cecília Meireles" (2015-2017, Bolsa Capes). E-mail: [mariana.neto@usp.br](mailto:mariana.neto@usp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7917-8765>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6372139688043729>.

<sup>2</sup> Doutoranda em Literatura Brasileira pelo programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [resende.paola@gmail.com](mailto:resende.paola@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8396-7230>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2283934948315689>

<sup>3</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017), atuando principalmente no seguinte tema: literatura brasileira. Mestranda, pela mesma instituição. E-mail: [sarameynard@gmail.com](mailto:sarameynard@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3057-696X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2585944104791092>

<sup>4</sup> Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [sergioalcides@uol.com](mailto:sergioalcides@uol.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0247-4993>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9254941821479342>

**Resumo**

Entrevista com Antonio Carlos Secchin.

**Palavras-chave**

Cecília Meireles. Literatura Brasileira. Poesia.

**Abstract**

Interview with Antonio Carlos Secchin.

**Keywords**

Cecília Meireles. Brazilian Literature. Poetry.

**MC — Acredito que uma das chaves de leitura para lírica de Cecília é compreender qual o sentido daquela “ausência do mundo”, que a autora confessou certa vez em entrevista. Você concorda com essa afirmação? Como você entende essa espécie de distância?**

Secchin - A “ausência mundo” possibilita uma leitura na chave de uma suposta alienação, o que seria injusto e redutor, no caso de Cecília Meireles. O que ela descarta é o aspecto excessivamente pragmático, utilitário, da existência, em prol de um espaço imaginário – mas esse ideal não se constitui ele próprio num mundo, ainda que avesso às estridências e evidências do real? Para Cecília, a potência da poesia não consiste em cantar algo, dirigir-se a um alvo específico, mas, plena e simplesmente, em cantar, qualquer que seja o objeto em que o canto incida. É o que percebemos na famosa abertura de “Motivo”: “Eu canto porque o instante existe”. Ela não diz o que canta, e sim o porquê canta.

**MC — Por muitas vezes a poesia de Cecília Meireles é tida como ingênua ou excessivamente idealista, principalmente se comparada a poetas como Carlos Drummond ou João Cabral. A poesia cecilianiana é de fato ingênua? Tal atribuição pode ter alguma relação com o fato de se tratar de uma autora mulher?**

Secchin - Ao contrário, penso que sua poesia é de sofisticada complexidade. Nesse aspecto, como a de Quintana, não recorre ao hermetismo como biombo para uma suposta “profundidade”.

**SA — Como você vê a obra de Cecília Meireles na poesia moderna do século XX, independentemente do contexto brasileiro?**

Secchin - Ela, de fato, é independente do que se convencionou chamar de “modernismo brasileiro”, pautado pela vitoriosa versão provinda da Semana de Arte Moderna de São Paulo. Oswald de Andrade, representante e propagandista-mor da Semana, sempre hostilizou a escritora, chegando a afirmar que era uma espécie de Morro de Santo Antônio, atravancando o tráfego da poesia. Cecília, porém, esteve alinhada a outra vertente do modernismo, de linhagem universalizante e espiritualizada, na esteira do simbolismo, que foi inteiramente desconsiderado pelos protagonistas de 1922. Nessa vertente, sua contribuição foi de alto nível, junto a escritores que compuseram o elenco do modernismo carioca agrupado em torno da revista *Festa*.

**SA — Em 1976, você estava entre os jovens autores incluídos na histórica antologia 26 poetas hoje, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda. É uma publicação marcante que depois ficou associada à chamada “poesia marginal”. Esse pessoal leu Cecília Meireles? Você tinha lido?**

Secchin - Suponho que boa parte dos poetas da época preferiam “ler” não os livros, mas a vida, traduzi-la num confessionalismo mais ou menos direto e sem as marcas do que desprezavam como excessivamente “literário”. É um caminho, mas não foi o meu, que me sentia à margem dos marginais. Desde cedo fui atraído pela leitura e pelas imagens da vida que dela emergiam, porque a vida real, em si, às vezes me parecia com menos interesse e encanto do que as existências inventadas pelos poetas e ficcionistas.

**SA — Outro nome importante incluído em 26 poetas hoje é o de Ana Cristina César. O que você acha do posicionamento duro que ela manifesta a respeito de Cecília Meireles? Saiu em ensaio de 1979, "Literatura e mulher: essa palavra de luxo". Você chegou a tomar conhecimento desse ensaio, na época? Lembra de alguma repercussão?**

Secchin - Não estava no Brasil, não tomei conhecimento do ensaio. Partilho, porém, três coincidências com Ana C: as iniciais de nossos nomes, o mês e ano de nascimento e o interesse por uma literatura, digamos, mais construída e menos espontânea – como se vê na obra de Cecília.

**SA — Sobre a fortuna crítica de Cecília Meireles, o que tem mudado, no século XXI? Como avalia o estado atual da pesquisa e do debate sobre a autora?**

Secchin - Cecília Meireles nunca foi exatamente uma poetisa popular (do mesmo modo, aliás, que nunca se referiu a si como “uma poeta”), e continua não sendo. As primeiras edições de seus livros saíam em pequena tiragem, às vezes em edições especiais, de luxo. Apenas depois de 1958, com a publicação, pela Editora Aguilar, de sua Obra poética, seu nome começou a circular com maior capilaridade, começando a tornar-se objeto de pesquisas e de estudos universitários. Ainda hoje, tenho a impressão de que ela permanece mais “(re)conhecida” do que “lida”, o que é de muito se lamentar, dado altíssimo padrão de sua poesia. Aliás, perdeu-se recentemente grande oportunidade de difundir-la, quando, unicamente por problemas de direitos autorais, deixou de ser a homenageada na FLIP.

**PR — Além dos estudos sobre a obra de Cecília Meireles, você possui ensaios importantes sobre João Cabral de Melo Neto, dois poetas que, de certo modo, poderiam ser lidos quase como antípodas. A despeito dessa oposição, João Cabral possui uma conferência radiofônica elogiosa, no qual destaca a “comunicação” presente no Romanceiro da Inconfidência. Hoje, passados quase setenta anos desse texto, como você percebe a proposição elencada por Cabral?**

Secchin - Para Cabral, a poesia de Cecília padecia de um mal incurável: era lírica. Daí, quase que por eliminação, acabou elogiando o Romanceiro, não por acaso o menos lírico (no sentido tradicional) de seus livros, e aquele em que a História do país se faz mais presente. Curiosamente, há vários pontos de convergência entre esses dois escritores tão diversos: o conhecimento da literatura espanhola (fugindo

da maciça influência das letras francesas à época); a constante prática de formas fixas, de versos regulares; a utilização da rima toante. Também se unem na recusa comum ao soneto, praticado por Cecília na obra de estreia que depois repudiaria (*Espectos*, de 1919), e inexistente em Cabral.

**PR — Você tem realizado uma importante sondagem em periódicos de poemas que permanecem ainda inéditos em livro. Como você tem lido criticamente esses textos dispersos?**

Secchin - Nada do que localizei em periódicos das décadas de 1920 agrega valor expressivo à obra de Cecília, mas tampouco lhe subtrai algo. São peças datadas, que ampliam o corpus da escritora, e fornecem subsídios de interesse sobre seus anos de formação, quando ela ainda estava bastante vinculada, e de maneira pouco pessoal, ao universo poético do simbolismo.

**PR — Ainda em relação a esses textos: você elencou quais seriam as possíveis razões para eles ainda permanecerem inéditos, apenas disponíveis nas dispersas revistas e não terem adentrado na organicidade do livro? Livros organizados pela própria Cecília Meireles ou, postumamente, por críticos, vide a recente edição da *Poesia Completa* publicada pela Editora Global.**

Secchin - Cecília Meireles, simplesmente, só aceitou respaldar o que escreveu a partir de *Viagem*, de 1939. de 1938. Não quis dar publicidade a nada que produzira antes disso, na sua, digamos, pré-história poética. Esse material, no entanto, é de valia aos estudiosos, interessados em saber o que de Cecília já existiria (ou não) nessa pré-Cecília. Sou favorável, desde que se efetue a devida contextualização, à reedição de tudo que um autor publicou em vida, porque, se ele divulgou seus textos em jornais ou livros depois renegados, o fez porque, naquele momento, reconhecia-se neles. Ao pesquisador não interessa apenas o rosto de hoje; ele deseja recuperar todas as páginas/espelhos em ficaram perdidas as faces do poeta, inclusive aquelas em que ele não mais se reconhece.